

TEM SAMBA NA TERRA DO FREVO! A BATALHA FREVO X SAMBA NO CARNAVAL MULTICULTURAL DO RECIFE

Hugo Menezes Neto

Reflexão sobre as escolas de samba do Recife, a partir do campo de embates simbólicos estabelecidos devido aos agenciamentos das questões identitárias nos níveis de pertencimento nacional e local que atravessam o carnaval multicultural do Recife. Nesse sentido, o artigo pensa acerca das tensões e negociações instauradas pela presença das escolas de samba em um contexto deveras distinto do Rio de Janeiro, traduzidas no que a antropóloga Katarina Real (1990) denomina “batalha frevo-samba”. [abstract on page 282]

CARNAVAL, ESCOLAS DE SAMBA, IDENTIDADE.

MENEZES NETO, Hugo. Tem samba na terra do frevo! a batalha frevo x samba no carnaval multicultural do Recife. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p. 45-59, nov. 2010.

Pernambuco mostra que é bom de samba: Na terra do frevo, as escolas de samba deram um show à parte.

(*Diário de Pernambuco*, 1.3.1994)

Sambistas na terra do frevo: escolas mostram beleza no desfile da Dantas Barreto.

(*Diário de Pernambuco*, 23.2.1998)

Os títulos acima são de algumas das inúmeras reportagens sobre a participação das escolas de samba no carnaval do Recife publicadas na década de 1990 no *Diário de Pernambuco*. Para este trabalho certamente representam mais

1 *Os registros jornalísticos evidenciam os embates simbólicos intitulados batalha frevo x samba, bastante explorados neste artigo.*

do que isso;¹ são importantes registros de como a imprensa refletiu a posição ocupada por essas agremiações na capital pernambucana, quase sempre relacionadas a um lugar de identidade demarcada: a terra do frevo.

Decerto, “os sambistas na terra do frevo” é terreno fértil para discussões antropológicas, pois, grande parte da intensa produção acadêmica sobre essa manifestação concentra-se nas agremiações cariocas, o que sugere uma demanda de pesquisas em contextos específicos cujas particularidades incidem diretamente na conformação de movimentos investidos de outros sentidos e significados. Na opinião de Maria Laura Cavalcanti (2006, p. 26), compreender o ritual do desfile das escolas de samba é “ao mesmo tempo, compreender a cidade que o realiza, as tensões que a constituem e nela se desenvolvem”. Neste caso, trata-se de uma cidade que, diferentemente do Rio de Janeiro, toma para si outras manifestações populares que não as escolas de samba como símbolos identitários e representativos de seu carnaval.

Segundo Roberto DaMatta (1997, p. 77) o carnaval é um rito e como tal serve para “destacar certos aspectos da realidade”, evidenciar “as coisas do mundo social”. Este ensaio tem como objetivo principal evidenciar, colocar em *close up* (nos termos do autor), as mediações de identidade e pertencimento que atravessam o carnaval multicultural do Recife, tomadas a partir das discussões acerca das escolas de samba pernambucanas. Assim, apresento os embates simbólicos traduzidos na batalha frevo x samba.

A BATALHA FREVO X SAMBA

2 *Autores divergem quanto às origens das escolas pernambucanas e as primeiras representantes do gênero. Alguns trabalhos apontam como pioneira a Escola de Samba Garotos do Céu, outros, a Limonil.*

Desde seu surgimento nos anos 30, as escolas de samba no carnaval do Recife sempre despertaram interesse e muita polêmica.² Segundo José Teles (2007) em pouco tempo essas batucadas, algumas vezes com a alcunha de “turma”, despertaram preocupação entre os mais conservadores. Em suas pesquisas no acervo do *Jornal do Commercio* encontrou “bairristas alfinetadas” dos pernambucanos na cobertura jornalística dos desfiles das escolas de samba no carnaval do Recife já na década de 1940. Teles (2007, p. 70) pontua que em meados de 1950, com o aumento do número

dessas agremiações, os defensores do frevo contra as marchinhas cariocas elencam outro “inimigo”: “(...) os que combatiam as marchinhas cariocas nem imaginavam o que estas supostamente irrelevantes ‘turmas’ seriam para o frevo (...) em 1950 já eram em número suficiente para desfilar na avenida, e começar a preocupar os defensores do frevo.”

A antropóloga Katarina Real (1990, p. 52) identificou nos anos 60 e 70 intensos debates em torno da participação das escolas de samba no carnaval do Recife. Debates que sagazmente chamou de batalha frevo x samba, expressão que tomo de empréstimo por considerá-la rica de sentidos para as discussões nessa seara, além de dar conta de um campo de embates simbólicos no qual o frevo e o samba estão envolvidos há décadas: “O assunto das escolas de samba é um dos mais explosivos de todo o carnaval do Recife. Os jornais se deliciam com as fofocas que os prós e os contras na batalha ‘frevo-samba’ provocam. Qualquer opinião a respeito da crise entre o frevo e o samba pode provocar manchete”. Segundo Real (1990) a tensão ganha visibilidade com o aumento expressivo das escolas de samba no Recife, sobretudo devido à ação da indústria fonográfica na divulgação nacional dos sambas-enredos do Rio de Janeiro e à transmissão televisiva do desfile,³ que ocorre em Pernambuco a partir de 1961.⁴ De acordo com Real (1990, p. 48), a partir de 1960 as escolas de samba tornam-se “uma força de importância crescente, até o ponto de causar preocupações às agremiações mais tradicionais e defensoras de um carnaval estritamente ‘pernambucano’”.

Embora existam registros da intensa presença do samba no carnaval do Recife desde o século XIX,⁵ as escolas, propriamente ditas, são recorrentemente associadas ao repertório do carnaval do Rio de Janeiro e, por isso, consideradas elementos extrínsecos às tradições carnavalescas “genuinamente” pernambucanas como as agremiações de frevo (clubes, blocos e troças) e os maracatus. Nesse argumento encontra-se o corpo da batalha frevo x samba.

Nomes importantes no cenário cultural brasileiro, como Gilberto Freyre, são partícipes diretos da celeuma instaurada pela presença das escolas de samba no Recife. Para exemplificar a questão segue um trecho do célebre artigo escrito por Freyre para o *Diário de Pernambuco* de 27 de fevereiro de 1966, intitulado: Recife, sim, subcarioca não!

O carnaval do Recife de 1966 decorreu sob este signo terrível: perigo de morte! É que o assinalou uma *descaracterização maciça*, através da *invasão* organizada, dirigida e o que me parece até oficializada dos seus melhores redutos de *pernambucanidade*: a *invasão das escolas de samba* (...) No Recife, mata-se o frevo, o passo, o maracatu, o clube popular, o bloco, a espontaneidade, para quase oficializar-se o samba, o arremedo ou a *caricatura do carnaval carioca*,

3 *Dados ratificados por Jorge Caldeira (2007, p. 40): “O samba passou a viver em todo país, tornou-se fenômeno nacional. As canções e as disputas locais do Rio de Janeiro passaram a ser importantes em Quixeramobim.”*

4 *Em contrapartida, no mesmo período Roberto M. Moura (2004, p. 151) aponta o início da profissionalização das escolas de samba cariocas e as consequências disso para as agremiações tradicionais de frevo do Rio de Janeiro.*

5 *Dado trazido por Evandro Rabello (2004) e André Diniz (2006), ambos respaldados em análises dos registros jornalísticos do século XIX.*

chega a ser um crime de *traição ao Recife* (...) Um carnaval do Recife em que comecem a predominar escolas de samba ou qualquer outro exotismo dirigido, já não é um carnaval recifense ou pernambucano: um *inexpressível posição e até caricaturesco* carnaval subcarioca (grifos do autor).

O artigo/manifesto de Freyre dá lastro à batalha frevo x samba, que se ampara na ideia de um “estado de guerra”, com direito à “invasão organizada e dirigida” das tropas inimigas com a missão de “matar” as tradições carnavalescas de gênese “autenticamente pernambucana”. Trata-se de luta patriótica da “nação Pernambuco” contra as forças dominantes de uma cultura estrangeira. Mais uma das guerras do histórico e guerreiro Leão

do Norte.⁶ O sentimento de “pernambucanidade”, acionado por Freyre, remete-se a um conjunto de elementos demarcadores do que é ser pernambucano – evoca um *étos* próprio – e convoca cidadãos-soldados na proteção das fronteiras da tradição.

Tal qual Gilberto Freyre, outros mediadores intelectuais de verve conservadora-regionalista dão fôlego à batalha, embaçados na pertença e no apelo à salvaguarda irrestrita da memória e do patrimônio imaterial pernambucanos. Desse grupo destacam-se Mário Melo⁷ e Mário Souto Maior (1995, p. 46) na defesa de uma tradição “pernambucanamente recifense” que prioriza o frevo em detrimento do samba:

Cada carnaval que passa assistimos ao aumento considerável das escolas de samba (...). Não seria mais certo se o povo e os poderes públicos valorizassem *o que é nosso*, protegendo a *memória recifense*, dando *prioridade ao frevo*? (...) Fica aqui o apelo (...) no sentido de ajudarem a manter viva a chama de *uma tradição que é tão nossa*, tão *pernambucanamente recifense* (grifos do autor).

Desse modo, as escolas de samba são consideradas cópias, mal-acabadas ou caricaturais, daquelas que desfilam no Rio de Janeiro. São invasoras ou intrusas, nas palavras de Gilberto Freyre e Mário Melo, respectivamente, e põem em risco a autenticidade do carnaval do Recife, tido como tradicional e sob os domínios do frevo. Em seus discursos o poder público é impelido a tomar posições e a não “trair” o que há de mais “genuinamente pernambucano”. Dentre as várias ações governamentais engendradas na batalha frevo x samba destaco duas como boas ilustrações: as que dizem respeito às estratégias de retaliação financeira e as de cunho espacial/ritualístico.

Atendendo aos apelos dos defensores do frevo em 1955 o então prefeito Pelópidas Silveira assinou a Lei n. 3.346, que estabeleceu percentual de divisão dos recursos destinados às agremiações carnavalescas, assim disposto: 35% para os clubes de frevo; 20% para os blocos de frevo; 15% para os maracatus; 15% para os caboclinhos; 10% para troças e ursos; e apenas 5% para as escolas de samba. De acordo com Real (1990, p. 48), nesse período, mediadores intelectuais, como Leonardo Dantas, historiador e ex-presidente da Fundação de Cultura da Cidade do Recife, afirmam ter sido medida necessária

para impedir a decadência das agremiações pernambucanas e o aumento das escolas de samba. Mesmo com a lei revista, atualmente ainda há resquícios dessa discussão, a distribuição financeira dos recursos públicos ainda não é proporcional aos gastos, as escolas recebem recurso financeiro similar ao de outras manifestações de carnaval mesmo tendo quantitativo bem maior de desfilantes e estrutura visivelmente mais dispendiosa.

Qualquer outro fomento público destinado às escolas de samba do Recife abria espaço para as vozes discordantes e seus discursos imbuídos de “pernambucanidade”. Isso fica evidente no episódio do primeiro patrocínio dado pela Fundação de Cultura da Cidade do Recife em 1992, para gravação de um disco dos sambistas pernambucanos. Os carnavalescos e músicos da cidade se opuseram argumentando não receberem apoio para produção de mesma natureza. As declarações do então presidente da Federação Carnavalesca de Pernambuco,⁸ Atoniel Araújo, contidas na matéria do *Diário de Pernambuco* de 1.3.1992 de título bastante sugestivo – Samba não ocupará o lugar do frevo – evidenciam que não se trata apenas de brigas pelo fomento; a contenda é atravessada por disputa simbólica em estado latente e em intermitente reafirmação:

O Frevo vai resistir ao samba e às interferências políticas. O povo continua frevando e garantindo o carnaval (...) O samba também tem vez na terra do frevo, mas não tem, não vai e nem deve ocupar o espaço do ritmo que faz os corpos fervilharem (...) Estão esmagando a verdadeira cultura que é o frevo (...) [Mas] o frevo resiste ao samba e a tudo que pensar em derrubá-lo (...) Todo mundo se esbagaça quando uma orquestra toca, o mesmo não acontece com o samba, não há nada que justifique grandes investimentos neste ritmo (...) Eu comparo o samba a um partido político, vem de outro país e quer fazer a cabeça do povo. O samba quer forçar a barra e muitas vezes tem apoio oficial para isso (...) O povo não acompanha o carnaval de passarela (...) O verdadeiro carnaval é o que acontece nas ruas apertadas, as escolas de samba não resistiriam a uma disputa com o frevo (grifos do autor).

8 Katarina Real (1990, p. 48) ressalta a oposição da Federação Carnavalesca e alguns de seus fundadores, como Mário Melo, às escolas de samba pernambucanas desde 1950.

Quanto às retaliações espacial-ritualísticas o momento mais marcante foi o polêmico processo de “despassarelização” do carnaval do Recife. Trata-se da retirada das passarelas do desfile das agremiações carnavalescas, decisão que atinge diretamente as escolas de samba, pois sua estrutura exige, mais do que a de outras manifestações populares, espaço diferenciado para apresentação. Em outras palavras, precisam necessariamente da passarela. A “despassarelização”,⁹ ocorrida na administração do prefeito Gustavo Krause entre 1980 e 1983, fez parte do projeto intitulado “Carnaval participação” – traduzido como carnaval de rua, sem competições ou espaços exclusivamente para desfiles, em que, teoricamente, não existiriam espectadores, e todos participam da festa – em oposição ao “carnaval espetáculo”, derivado do modelo de desfile carioca com suas passarelas e arquibancadas para contemplação. A gestão entendia que a retirada da passarela, ao desarticular o “binômio espectador-folião”, promoveria o retorno aos “antigos, bons e ve-

9 Planejada e executada pela Fundação de Cultura da Cidade do Recife, na gestão do então presidente Leonardo Dantas.

lhos carnavais”. O desfile das escolas de samba está ligado às arquibancadas, o que, erroneamente, foi relacionado à mera contemplação e à negação do “verdadeiro espírito pernambucano de brincar o carnaval”. As arquibancadas, que delimitam o espaço de uma passarela, são consideradas elementos da festa do Rio de Janeiro, não figuram na memória dos “carnavais saudosos, dos tempos ideais do velho Raul Moraes”,¹⁰ destoam do entendimento do carnaval de rua que consagrou a imagem da festa recifense. Na batalha frevo x samba, a passarela é o símbolo dos desfiles das escolas de samba, o espaço ritual e a viabilização concreta e oficial do concurso.

10 *Trecho de um frevo de bloco dos mais tocados no carnaval do Recife. “Evocação n. 1”, de Nelson Ferreira, que traduz a nostalgia dos antigos carnavais recifenses.*

11 *Trecho da matéria Galeria e Gigante vão à avenida, publicada em 16.1.1980 no Diário de Pernambuco.*

Durante três anos as escolas de samba, prejudicadas, reivindicaram a reposição da passarela, ameaçaram não mais desfilar, organizaram protestos que chegaram de forma contundente à imprensa. Um dos representantes mais aguerridos nessa querela foi o sambista pernambucano Boneco de Mola, que fez um chamamento efusivo na imprensa: “seria bom que nenhum sambista desfilasse nesse carnaval. Inclusive eu mesmo não vou entrar em lugar nenhum.”¹¹ A coluna de opinião de Sebastião Vila Nova, conhecido colunista do *Diário de Pernambuco*, publicada

no primeiro ano da “despassarelização” (em 24.1.1980), se refere ao descontentamento das escolas de samba, mas, apoia a ação da Prefeitura do Recife nas medidas que visam “assegurar o nosso carnaval”:

Tenho lido aqui e acolá a respeito do *descontentamento do pessoal das escolas de samba* com relação à *despassarelização* do nosso carnaval. E o pessoal *prometeu não desfilar no carnaval*. Ora, se há uma coisa digna de todo o nosso respeito e admiração no que se refere às folganças do nosso povo, não resta dúvida que essa é a *extinção da passarela no carnaval do Recife*. Se mesmo no Rio de Janeiro as escolas de samba já são uma contrafação da brincadeira do povo, imagine o que não significa a escola de samba no carnaval do Recife (...). *As escolas de samba têm se multiplicado danadamente no Recife em detrimento às formas de brincadeira tipicamente nossas: os clubes de frevo, os blocos* (...) *As escolas de samba estão sendo mais prestigiadas que os blocos*, por quê? (...) A adição das escolas de samba pelo carnaval [de Pernambuco] resulta de *uma cópia ingênua das formas de brincadeira que nada tem a ver com as nossas tradições locais*, mas que aparecem como superiores aos olhos do povo simplesmente por se originar da metrópole econômico-cultural do país (...) Assim, *despassarelização é uma das mais importantes medidas para assegurar o nosso carnaval* (grifos do autor).

Conhecendo esse processo podemos entender a recorrência das críticas sobre as passarelas/arquibancadas no carnaval do Recife. Ressonâncias da “despassarelização” podem ser encontradas mais de uma década depois, como na matéria Na terra do frevo o samba também tem vez, publicada em 25.2.1992 pelo *Diário de Pernambuco*, que, além de provocar os que defendem a extinção das passarelas, aproveita para apimentar a batalha frevo x samba, dessa vez dando vitória aos sambistas recifenses:

Sua majestade, o samba justifica a instalação das arquibancadas delimitando a passarela dos sonhos. Se nos dois primeiros dias de folia as arquibancadas estão às moscas, no terceiro dia de desfile elas simplesmente se engalam para ver e aplaudir os sambistas (...). Nem mesmo a fantástica beleza das olindenses Pitombeira e Elefante [agremiações de frevo] conseguem empanar o brilho das escolas de samba pois o povão não arreda o pé até o último sambista passar e a cuíca silenciar (grifos meus).

Retaliações financeiras e no ritual do desfile são armas de alto impacto, verdadeiras táticas de guerra de que o poder público lança mão nessa batalha. A matéria, Compositor rebate críticas de sulistas, publicada no *Diário de Pernambuco* de 16.01.1980, traz uma entrevista com o compositor de frevo Genildo Lopes, da qual seguem trechos que sintetizam e justificam a desarticulação financeira e espacial das escolas de samba do Recife:

Acho que chegou a hora de reprimir os ataques que estão sendo feitos pelos representantes da música carioca em nosso carnaval contra os verdadeiros donos do carnaval pernambucano que são os nosso clubes de frevo. (...) o Recife pode ter seu carnaval sem essa famigerada passarela (...) como as mesmas não gostam de desfilar no asfalto (...) que ele instale a mesma [passarela] no Morro da Conceição, e lá estas belas representantes do carnaval carioca possam disputar o título sem serem molestadas pelos foliões do nosso frevo. O que devemos fazer no próximo ano é fortalecer o nosso frevo da mesma maneira que o carioca fortalece o samba. As agremiações daqui devem receber da Prefeitura do Recife uma ajuda financeira mais eficaz, sempre maior que as concedidas às escolas. É assim que é tratado o frevo lá no Rio de Janeiro. Lá representantes de clubes não têm o mesmo tratamento dos representantes do samba (...) Apesar de respeitá-lo [o samba] como boa música sou muito pelo ditado que diz “cada macaco no seu galho”. Se Pernambuco é do frevo, deixem o samba para lá (grifos do autor).

Genildo Lopes e outros que se expõem ao debate articulam claramente derivações do pensamento freyriano baseado na ideia de “invasão”, evidente no trecho: “ataques dos representantes da música carioca em nosso carnaval”. Todavia, outro argumento muito recorrente é o da “importação”. Capiba, renomado compositor de frevo, em entrevista publicada no *Diário de Pernambuco* de 9.2.1997, critica a importação das escolas de samba do Rio de Janeiro pelo carnaval do Recife. Nessa entrevista aproveita para pôr em xeque a qualidade estética das escolas, sua funcionalidade no contexto recifense e novamente levanta a questão das arquibancadas (quase 20 anos depois do ocorrido):

Pernambuco já foi exportador de todas as modalidades. Hoje importa as escolas de samba, trios elétricos e outras besteiras (...) depois dessa decadência não componho mais para o carnaval. Não gosto dessas mudanças ruins que começaram justamente com o advento das escolas de samba (...) Gosto do samba para o Rio de Janeiro. As escolas de samba daqui são pobres e sem atrativos, só servem para modificar nossa festa, acabar com a participação popular, trazer arquibancada (grifos meus).

Outros pesquisadores, como Roberto Benjamim (1989), corroboram com a perspectiva da “importação” do modelo carioca; no entanto, procuram destacar diferenças,

12 José Teles (2007, p. 71) encontrou registros de comparações semelhantes em matérias do *Journal do Comércio desde os anos 40, como no trecho de um artigo sobre samba e frevo de 1948: "Numa comparação musical podemos dizer que os cariocas atravessam a rua no ritmo de marcha de procissão, enquanto os pernambucanos em marcha acelerada"*.

13 *Sobre a herança do movimento folclórico no Brasil baseio-me em Vilhena (1997), Ortiz (1985) e Ayala e Ayala (1987).*

14 *Sobre a "invenção" do Nordeste e a construção da imagem de Pernambuco em oposição e resistência ao Sul/Sudeste, entro em consonância com Durval Muniz de Albuquerque Junior (2009, p. 85): "o 'representante do Nordeste' começa a ser forjado [séc. XIX e XX] quando filhos dos grupos dominantes do estado convergiam para o Recife, por este ser, além de centro comercial e exportador, centro médico, cultural e educacional de uma vasta área do Norte (...) era também o centro jornalístico de uma vasta área que ia de Alagoas até o Maranhão". O autor, entre outras análises, ainda destaca a imprescindível participação do Recife no movimento regionalista. Em 1926 ocorreu*

singularidades distintivas, principalmente na sonoridade e no desfile.¹² Benjamim (1989, p. 118) ressalta uma possível influência do frevo no samba pernambucano, com a persistência dos instrumentos de sopro (extintos nas escolas do Rio de Janeiro) e na batida mais acelerada da percussão:

No caso da *importação do samba carioca* é possível sentir no Recife a *ação das forças locais, marcando um distanciamento entre a manifestação* observada no carnaval de Pernambuco e o samba do carnaval carioca (...) as tradições pernambucanas roem por dentro as escolas agindo nas suas baterias e nos passistas preparando um samba autenticamente pernambucano (grifos do autor).

Dar relevo a prováveis marcas distintivas é bastante recorrente entre estudiosos¹³ do carnaval do Recife (sobretudo de vertente folclorística) ainda preocupados em identificar a origem do samba, a autenticidade das escolas pernambucanas e um braço heróico das "forças locais" na "resistência" ao modelo carioca. Entretanto, os carnavalescos/sambistas recifenses negociam o distanciamento e a aproximação com as escolas de samba de acordo com o contexto e as subjetividades inerentes a esse diálogo. Eles podem acionar os conteúdos da "pernambucanidade" quando lhes interessa afirmar particularismos distintivos e os da "brasilidade" para evocar traços de similaridade, pontos unificadores que os impulsionam para além dos limites territoriais e lhes concedem a experiência da "universalidade". Para exemplificar segue a fala do mestre da bateria da pernambucana Escola de Samba Galeria do Ritmo:

A gente toca um pouco diferente mesmo, parece que é *uma forma de Pernambuco fazer e tocar o samba-enredo, mais acelerado*, mais perto do frevo (...) Outras coisas a gente *tenta fazer igual às de lá*, no nosso caso, a gente se inspira muito na nossa madrinha, a Beija-Flor que, inclusive, vem nos visitar este ano para dar uma moral para nós aqui na comunidade (entrevista concedida em 2008, Recife-PE; grifos do autor).

Visualizar a imagem construída por e para Pernambuco¹⁴ como o "coração do folclore nordestino"¹⁵ é fundamental para entender a batalha frevo x samba e serve para pensar que o processo histórico-antropológico dessa construção ressoa nas escolas de samba e outras manifestações que não figuram no repertório, tido como tradicional – peleja em muito movida pelo perigo das "invasões" e "importações indesejadas", influências externas que podem contaminar as tradições e, sobretudo, destituir

Pernambuco do posto de representante legítimo da autenticidade e da resistência cultural. Um artigo da *Revista Brasileira de Folclore*, escrito por Renato Almeida (1974, p. 24) reflete e ratifica o Recife como lócus de propulsão e preservação de manifestações de caráter “folclórico”:

Onde ainda se guarda muito do folclore brasileiro é no Recife (...) dois elementos contribuem poderosamente para isso: o aparecimento, nos três dias, de grupos folclóricos e autênticos como caboclinhos, bumbas e maracatus, e depois o frevo dançado pela multidão num espetáculo de improviso sem par e extraordinária beleza (...) A não ser no Recife, o carnaval nunca foi período de aparecimento de folguedos populares (grifos do autor).

O debate que envolve as escolas de samba do Recife, não obstante, é pautado na ofensiva contra a “massificação” da “cultura pernambucana” e em defesa dessa imagem construída. Não são raras as explosões de “pernambucanidade” propaladas por artistas, políticos, intelectuais e outros mediadores, denunciando invasões de trios elétricos baianos, escolas de samba cariocas e, recentemente, o calypso do Pará, entre outras “besteiras”, como a isso se referiu Capiba. O caso das escolas de samba, contudo, é ainda mais complexo. Sua condição de manifestação popular vem sendo questionada desde a segunda metade do século XX, em especial pelos representantes do movimento folclórico brasileiro. Após discussões intensas e sinuosa trajetória histórica, hoje, as escolas de samba aparecem como exemplos emblemáticos de manifestações da cultura popular que se transformaram em megaespetáculos, ou seja, um arriscado caminho para as “coisas do povo”.

Nesse debate o folclorista Miércio Tati (1970, p. 85), na *Revista Brasileira de Folclore*, é enfático: “Muito tem-se indagado sobre escola de samba ser folclore (...) Escola de samba não é folclore.” Renato Almeida (1974, p. 24-25), na mesma revista, também ratifica a posição do movimento folclórico de forma contundente em artigo dedicado exclusivamente ao tema. Em sua opinião, tais agremiações funcionam como entidades recreativas oficializadas e esteticamente tornam-se *show* no qual a “gente do povo” participa como “figurante”:

A escola de samba é um conjunto folclórico? Não (...) Tem caráter de entidade recreativa (...) Tem uma institucionalização que a afasta em absoluto do folclore (...) Não possuem como os grupos folclóricos legítimos uma representação continuada e tradicional: como marujadas, folias de reis, etc. Fazem um desfile pelo carnaval com um cortejo submetido ao um enredo que a cada ano varia. E esses são enredos folclóricos? Nunca (...) O desfile das escolas de samba é um importante e admirável “show”, de que participa a gente do povo, como figurante, dentro de um esquema adotado e ensaiado, como se fossem artistas de teatro. A beleza do espetáculo é surpreendente, de cor, de ritmo, de

o Congresso Regionalista do Recife, à frente estavam Gilberto Freyre e outros intelectuais que pensavam ser esse “o meio de salvar o Nordeste da invasão estrangeira, do cosmopolitismo que destruía o ‘espírito’ paulista e carioca” (p. 86).

15 Expressão retirada da música “Leão do Norte”, sucesso nacional composto por Lenine e Paulo César Pinheiro, considerado hino da “pernambucanidade”: Sou o coração do folclore nordestino/ Eu sou mameluco, sou de Casa Forte/Sou de Pernambuco, sou o Leão do Norte.

movimento. Veio do povo, mas despreendeu-se das origens e ganhou vida própria, que não é absolutamente folclórica (grifos do autor).

Edison Carneiro,¹⁶ Renato Almeida e Miércio Tati representam aqui os envolvidos na contenda sobre a natureza folclórica ou espetacular das escolas de samba, mas não são os únicos a opinar. Trata-se de discussão de enorme amplitude que certamente re-

verbera ou mesmo é parte constitutiva da batalha frevo x samba. As escolas de samba são consideradas transgressoras da tradição e, por isso, compreendidas como exemplos paradigmáticos do processo de “espetaculização” e da “influência nociva” do capitalismo (e da cultura de massa) nas manifestações populares.

Para Hermano Vianna (2004, p. 111) houve uma “vitória do samba” frente a outras manifestações; afirma que o ritmo “colonizou o carnaval brasileiro” enquanto os demais foram classificados como “regionais”. Em contrapartida, a batalha frevo x samba desnaturaliza a ideia da “colonização do carnaval brasileiro” pelo “ritmo nacional”, mostrando que não houve uma vitória do samba em sua plenitude e que os ritmos considerados regionais têm força suficiente para compor disputas. Ao que parece, em contextos específicos, a pretensão globalizante do samba e das escolas dá lugar a sérios debates identitários, longe de promover a “união no nível da totalidade nacional”, como diz Maria Isaura Pereira de Queiroz (1999, p. 98); instauram-se, assim, relações constituídas essencialmente por conflitos.

A batalha frevo x samba tem lastro em categorias analíticas como tradição, patrimônio, memória e identidade, intrínsecas às ideias de “pernambucanidade” e brasilidade,¹⁷ encontrando esta última nas escolas de samba do Rio de Janeiro importante e reconhecido símbolo representativo da nação. Por sua vez, o carnaval do Recife apresenta tensões e negociações em decor-

rência dos agenciamentos nos níveis de pertencimento nacional e local. Uma batalha por espaço e reconhecimento, na qual as escolas de samba historicamente polarizam com as agremiações de frevo o debate sobre representatividade, autenticidade e pertença. Em Pernambuco certamente ainda há sinais de muita batalha pela frente...

ALGUNS DADOS ETNOGRÁFICOS DO SAMBA NA TERRA DO FREVO

Ao mesmo tempo em que o samba é elaborado como símbolo da identidade nacional, em Recife ao longo do século XX, por meio de diversos processos explicitados por autores como Rita de Cássia Araújo (1996), o frevo e depois o maracatu são definidos como os de ordem local, representantes da “pernambucanidade”. Nos anos 90 esse posicionamento ganha fôlego com o Manguebeat¹⁸ e a projeção internacional dos ritmos e

elementos da “cultura pernambucana”. Na década de 2000 o sucesso do modelo do carnaval multicultural consolidou-se.

O modelo festivo da capital pernambucana, o Carnaval Multicultural do Recife, implementado em 2000, é pretensamente baseado no conceito de multiculturalidade, amparado em palavras-chave como diversidade, participação, descentralização e tradição. Basicamente, a estrutura festiva conta com polos estrategicamente espalhados pela cidade, com características específicas que se refletem no quadro de suas atrações. O mais importante, porém, é a força de seu discurso que, de tão insistente em suas palavras-chave, extrapola o carnaval e rotula o Recife como Capital Multicultural do Brasil. Vale ressaltar, entretanto, que multicultural é entendido de modo oscilante, aplicado como mero sinônimo de “diversidade” por carnavalescos, autoridades, artistas e intelectuais, sendo aleatoriamente propagado pelos foliões. Assim, Recife torna-se multicultural porque é “muito cultural”.

O mote da multiculturalidade consegue atenuar a batalha frevo x samba, mas ainda é evidente que o frevo não divide sua posição de “centralidade simbólica” (a não ser, em certa medida, com os maracatus). Na prática, são mantidos os símbolos representativos da identidade local como carros-chefes da festa; outras expressões populares e linguagens artísticas devem existir para compor/justificar a diversidade do carnaval do Recife, operando como coadjuvantes da cena. A diversidade é assumida e resolvida; no entanto, não há concessão de autoridade e centralidade, mas sim o alargamento da margem, da periferia, em que os “demais” orbitam em torno dos elementos principais. Agora, com maior circunscrição periférica, cabem todos, e não apenas os de “vertente folclórica” ou “pernambucanamente recifense” – passam a figurar no carnaval do Recife o *rock and roll*, o pop nacional, atrações internacionais junto às escolas de samba, afoxés, ursos, bois e muitos mais.¹⁹ Contudo, no material publicitário, nas notícias da imprensa e até na programação propriamente dita, o frevo, e há alguns anos o maracatu, se sobressai. Isso se reflete na invisibilidade de manifestações como as escolas de samba que, mesmo compondo o “carnaval multicultural”, são pouco conhecidas, muitos dos próprios recifenses nem ao menos sabem que elas existem.

Sobre o discurso multicultural Stuart Hall (2003, p. 84) alerta: “Há o perigo de simplesmente se prezarem os valores distintivos da “comunidade” como se eles nem sempre participassem de um relacionamento dinâmico com todos os outros valores que concorrem ao seu redor”. A “multiculturalidade” do carnaval do Recife não parece estabelecer esses “relacionamentos dinâmicos”, não atende às assimetrias histórico-antropológicas que envolvem o frevo e o samba, por exemplo. Não obstante, é preciso ainda in-

18 Teles (2002) evidencia que as fontes e influências musicais dos manguéboys são da cultura popular, a “mistura de guitarras elétricas e alfaías de maracatus” promoveu uma reação entusiástica da ideia de “pernambucanidade”. Por sua vez, Ana Valéria Vicente (2005) discorre sobre a transformação dos elementos constitutivos do maracatu em símbolos identitários, atendendo também para a influência do Manguébeat nesse processo.

19 Todavia, ainda há censura prévia visto que axé music e calypso, por exemplo, são rejeitados.

vestigar em que medida esse novo modelo se configura como espaço multicultural, nos moldes do que diz o sociólogo Andrea Semprini (1999, p. 146):

Um “espaço de sentido”, uma semiesfera onde a circulação de símbolos é pelo menos tão importante quanto a circulação dos bens e outros benefícios materiais (...) e onde as identidades e as fronteiras dos grupos se negociam, se fazem e se desfazem, num processo eminentemente dinâmico e interativo.

Vale ressaltar que em 2007 o frevo foi registrado como Patrimônio Imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan.²⁰ Dado que

20 Em comemoração ao centenário da palavra “frevo” publicada pela primeira vez no Jornal Pequeno em 1907.

21 O concurso deve ser entendido como importante agente na conformação do movimento das escolas de samba do Recife, posto que sua ação passa pela legitimação, mobilização e negociação de significados estéticos e conceituais. Ver Hugo Menezes Neto (2009) sobre concursos no universo das manifestações da cultura popular.

pode sinalizar para o que José Reginaldo Gonçalves (2005) chama de “ressonâncias da patrimonialização”, como a formulação do plano de salvaguarda feito para atender exclusivamente às demandas do frevo – entre elas o fomento prioritário às agremiações como blocos, troças, clubes de frevo e clubes de bonecos. A questão patrimonial, portanto, incide diretamente na elaboração e execução de políticas públicas de cultura, gerando rebatimentos nos mais diversos segmentos artístico-culturais. Além disso, em longo prazo esse registro pode operar fundamentalmente na reconfiguração dos repertórios identitários (Rotman e Castells, 2007) quando desloca o frevo do âmbito local para patrimônio nacional, pelo menos no que tange à legislação e às políticas públicas de cultura.

O Carnaval Multicultural da Prefeitura do Recife dá continuidade ao Concurso das Agremiações Carnavalescas de Pernambuco,²¹ além da implementação dos concursos de mestre-sala e porta-bandeira, que ocorrem na semana pré-carnavalesca. Deles participam atualmente 17 escolas de samba dividi-

das em grupo especial, um e dois. São elas: Unidos da Mangueira, Limonil, Gente Inocente, Unidos de São Carlos, Deixa Falar, Gigante do Samba, Rebeldes do Samba, Galeria do Ritmo, Imperadores de Vila São Miguel, Samarina, Águia Dourada, Imperiais do Ritmo, Queridos da Mangueira, Acadêmicos do Jordão, Raios de Luar, Preto Velho e Favela do Recife, todas organizadas em torno de duas entidades associativas: a Federação das Escolas de Samba de Pernambuco – Fesape (fundada em 1954 com o nome de União das Escolas de Samba de Pernambuco) e a Associação das Escolas de Samba de Pernambuco – Aespe (dissidente da primeira, criada em 1999).

Para além do carnaval, as escolas de samba do Recife podem ser consideradas requisitados espaços de sociabilidade. Proporcionam vivências que perpassam o desfile, mantêm o vínculo entre os participantes e os lançam em relações interpessoais e intergrupais sedimentadas por sentimentos os mais diversos. Caminhar por esses espaços é fatalmente conhecer e reconhecer as pessoas que os constituem e lhes dão sentido, é evocar a memória da manifestação – narrativas de vida, lembranças de carnavais, célebres personagens – e perceber a história do Recife por outro prisma.

Essas escolas desfilam com variação de 300 a 1.500 pessoas (número expressivo em comparação a outras manifestações do estado); mexem com a dinâmica socioeconômica; atuam nas comunidades das mais diversas formas; despertam sentimentos os mais variados; formam artistas do samba; formatam uma rede de sociabilidade que perpassa o carnaval; ressignificam os conteúdos tradicionais; produzem e transmitem conhecimentos; e perpetuam o samba na terra do frevo configurando-se como importante movimento artístico-cultural no estado.

ENTRE CLARINS E CUÍCAS

Recife neste carnaval / Rende homenagem ao sambistas brasileiros / A Noel, Sinhô e Chico Alves/ Aos blocos e escolas do Rio de Janeiro (...) Recife cantando evocou / Os seus heróis de antigos carnavais / E vem exaltar toda a glória/ Dos cariocas, brasileiros imortais.

(“Evocação n.2”, Nelson Ferreira e Osvaldo Santiago, 1958)

“Evocação n. 2” foi composta por Nelson Ferreira e Osvaldo Santiago em 1958, mesmo período em que Katarina Real (1990, p. 53) se mostrava bastante otimista com o movimento das escolas de samba do Recife: “As escolas de samba enfrentam um futuro quase sem preocupação, um campo livre para o desenvolvimento rápido e uma popularidade que cresce de ano para ano”. As palavras proféticas da antropóloga que vislumbrou a “batalha frevo-samba”, bem como a exaltação carioca proposta por Ferreira e Santiago, não se concretizaram por completo. Não parece fácil ser uma agremiação de samba na “terra do frevo”.

Todavia, em consonância com a pesquisadora pernambucana Maria Alice Amorim (2008, p. 53), essa história é muito mais dialógica do que nos fazem pensar as partes envolvidas na batalha frevo x samba:

Em Pernambuco o nosso samba de escola e de bloco, afiliado ao quase centenário samba carioca tem florescido há pelo menos sete décadas no mesmo ambiente do frevo e do baque virado dos tambores do maracatu. Esses três ritmos não conseguem esconder os laços de parentesco a partir dos batuques africanos que derivaram em variações culturais de poesia e canto, teatro, dança e música.

São inúmeras nuances de uma temática instigante e atual. Para finalizar, portanto, resgato uma passagem do Carnaval de 2008, ponto de partida a explanação posta. Nesse ano a Estação Primeira de Mangueira desenvolveu enredo em homenagem ao centenário do frevo, e, para tanto, a Prefeitura do Recife foi uma das patrocinadoras. Em troca da vitrina proporcionada pelo desfile carioca o governo municipal destinou à Mangueira financiamento na casa dos milhões. Essa transação gerou muita polêmica na cidade, principalmente entre os carnavalescos. Alguns demonstraram grande descontentamento, outros foram, felizes, desfilando no Rio de Janeiro. Concomitantemente ao desfile da Mangueira, as escolas de samba do Recife apresentavam-se na Avenida Nossa Senhora do Carmo (no Centro de Recife), com parca subvenção e audiência insignificante quando

22 Trecho do samba-enredo da Estação Primeira de Mangueira em 2008: “100 anos do frevo, é de perder o sapato. Recife mandou me chamar”, dos compositores: Lequinho, Jr. Fionda, Francisco do Pagode, Silvão e Anibal.

comparada aos recifenses que estavam na frente da tevê, curiosamente prestigiando o frevo na Marquês de Sapucaí e ouvindo a Estação Primeira gritar: É frevo! É frevo! É frevo!²²

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERNAZ, Lady Selma F. *O “Urrou” do boi em Atenas: instituições, experiências e influências culturais e identidade no Maranhão*. 2004. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais) Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2004.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2009.
- ALMEIDA, Renato. A escola de samba no folclore. *Revista Brasileira de Folclore*, n. 38, janeiro/abril, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Campanha Nacional do Folclore, 1974.
- AMORIM, Maria Alice. Aqui o samba fez moradia. In *Recife Nação Africana – Catálogo da Cultura Afro-Brasileira*. V. 1. Recife: Prefeitura do Recife/Núcleo da Cultura Afro-Brasileira, 2008, p. 48-61.
- ARAÚJO, Rita de Cássia B. *Festas: Máscaras do tempo: entrudo mascarada e frevo no carnaval do Recife*. Recife: Fundaj, 1996.
- AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignês. *Cultura popular no Brasil*. São Paulo: Ática, 1987.
- BENJAMIM, Roberto. *Danças e folguedos de Pernambuco*. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, 1987.
- CALDEIRA, Jorge. *A construção do samba*. São Paulo: Ed. Mameluco, 2007.
- CAVALCANTI, Maria Laura V. C. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DINIZ, André. *Almanaque do samba*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2006.
- FREYRE, Gilberto. Recife sim, subcarioca não! In REAL, Katarina. *O folclore no carnaval do Recife*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Ed. Massangana, 1990, p. 47.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. *Horizontes Antropológicos*. V. 11 n. 23. Porto Alegre, jan.-jun, 2005.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. USMG, 2003.
- MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Fapesp, 2000.
- MENEZES NETO, Hugo. *O balancê no arraial da capital: quadrilha e tradição no São João do Recife*. Recife: Lucigraf, 2009.

- MOURA, Roberto M. *No princípio, era a roda: um estudo sobre o samba, partido-alto e outros pagodes*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2004.
- ORTIZ, Renato. *Românticos e folcloristas: cultura popular*. São Paulo: Olho d'Água, 1985.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1999.
- RABELLO, Evandro. *O carnaval do Recife pelos olhos da imprensa: 1822-1925*. Recife: Fun-cultura, 2004.
- REAL, Katarina. *O folclore no carnaval do Recife*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Ed. Massangana, 1990.
- ROTTMAN, Mônica e CASTELLS, Alicia N. Gonzáles. Patrimônio e cultura: processos de politização, mercantilização e construção das identidades. In LIMA FILHO, M. F.; ECKERT, C.; BELTRÃO, J. (orgs.). *Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos*. Blumenau: Associação Brasileira de Antropologia – ABA/Ed. Nova Letra, 2007.
- SEMPRINE, Andrea. *Multiculturalismo*. São Paulo: Edusc, 1999.
- SOUTO MAIOR, Mário. *Folclore etc. & tal*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1995.
- TATI, Miércio. Os elementos de uma escola de samba. *Revista Brasileira de Folclore*, n. 26. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Campanha Nacional do Folclore, jan.-abr., 1970.
- TELES, José. *Do frevo ao maguebeat*. São Paulo: Editora 34, 2002.
- _____. *Frevo: 100 anos de folia*. Recife: Ed. Timbro, 2007.
- VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/UFRJ, 2004.
- VICENTE, Ana Valéria. *Maracatu rural: o espetáculo como espaço social*. Recife: Ed. Associação Reviva, 2005.
- VILHENA, Luis Rodolfo. *Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro – 1917-1964*. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.

Hugo Menezes Neto é doutorando em Antropologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PPGSA/UFRJ/IFCS, historiador e mestre em Antropologia, ambos pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

Artigo recebido em julho de 2010 e aceito para publicação em agosto 2010.

